

# Recortes sobre a psicose

Ângela Maria Sansão Chandohá

*Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise*

## Resumo

Este texto foi produzido a partir de um Cartel sobre as Psicoses. Um tempo de muitas trocas, constatações, torções, risadas, montagens, desmontagens, numa relação de sujeitos de desejo, em transferência por um mesmo tema: “A Psicose”. Encontros permeados por leituras onde o personagem principal é o sujeito. Sempre pensando neste sujeito que nos coloca a trabalho, que habita, ou é habitado pela linguagem - neurótico? psicótico? Este sujeito que fala. Porém, quem fala? De onde vem esta voz que toma ou que é “tomada” pelo sujeito. Aqui coloco tomada entre aspas. Tomada que liga... que desliga... que carrega... dá choques... mata... traz a luz... ilumina... dá voz... Um sujeito sem litoral, sem fronteira, não disfarça a pegada, não tem a rede de significantes... precisa criá-la...

Palavras-chave: Psicose - Sujeito - Fala - Metáfora paterna

## Abstract

*This text was produced from a Cartel on Psychoses. A time of many exchanges, verifications, twists, laughter, montage, disassembly, in a relationship of subjects of desire, in transference by the same theme: “The Psychosis”. Encounters permeated by readings where the main character is the subject. Always thinking about this subject who puts us to work, who inhabits, or is inhabited by language - neurotic? psycho? This subject who talks. But who speaks? Where does this voice that takes or is “taken” by the subject come from. Here I put the socket in quotation marks. A plug that turns on... that turns off... that charges... shocks... kills... brings light... illuminates... gives voice... A landlocked subject, without borders, does not disguise the footprint, does not have the network of signifiers... needs to create it...*

*Keywords: Psychosis - Subject - Speech - Paternal metaphor*

O fazer na clínica é experienciado com cada sujeito no seu particular. E que particular! Cada um com sua música, com entonações, ritmos, passos, nuances, cantos e encantos, notas e anotações... Sujeito em ato, atuando ora como autor, ator principal, coadjuvante, contrarregra, um objeto do cenário (cadeira, mesa, poltrona, árvore), o microfone ou a mão que segura o microfone ou aquele que fala ao microfone que denuncia através do discurso o curso da própria vida. Em alguns pequenos momentos, passa a ser aquele que simplesmente se emociona; identificado, ao ser mais um sujeito comum que assiste a uma bela peça de teatro.

É um sujeito. Quem é este sujeito? Qual a sua estrutura: neurótico, psicótico, autista... “artista”...

“Artista”, significante novo dado por uma mãe, ao filho de 5 anos, diante de um diagnóstico onde o profissional diz: - “O Tião é um autista.” E o Tião afirma, após ouvir o médico falar, como um fantoche repete - “O Tião é um autista.” E a mãe imediatamente diz: - “Não, o doutor disse que o Tião é um ‘artista’. Você é um artista.” Segundo Lacan (2008/1955-56, p.66):

(...) quando um fantoche fala, não é ele que fala, é alguém que está atrás. A questão é saber qual a função do personagem que se encontra nesta circunstância. O que podemos dizer é que, para o sujeito, é manifestamente alguma coisa de real que fala.

E Tião, sem dúvidas, com a certeza que estrutura a sua fala, repete: “O Tião é um artista”, tomando emprestado da mãe, até a entonação da voz.

Recebe da mãe sua própria fala, mas não invertida, sua fala está no outro, que é ele mesmo, o pequeno outro, seu reflexo no seu espelho, seu semelhante. Somente repete. A palavra se exprime no real, no fantoche. Não sabe o que fala, mas diz assim mesmo. Um sujeito humano, que é falado e fala por alusão.

Com os olhinhos arregalados, sorridente, falando alto alegremente,

Tião retorna à sessão dizendo : “o Tião é um artista! Brincar! Brincar!”

Na fala delirante, o Outro está verdadeiramente excluído, não há verdade atrás , há tão pouca que o próprio sujeito não põe nenhuma verdade, que fica em face desse fenômeno, bruto no fim de contas, na atitude de perplexidade. (LACAN, 2008/1955-56, p.67)

O grande Outro estando excluído, o que concerne ao sujeito é dito realmente pelo outro com minúscula, pelas sombras do outro com letra minúscula.

João, um jovem de 16 anos, naquele dia em particular, estava muito agitado e preocupado. Quando interrogado sobre o que o estava incomodando, falou com muita seriedade : “Estou com um problema muito sério, vou fazer aniversário este mês e tenho que escolher o meu presente. Não consigo escolher o meu presente”.

João fica sem fala diante do não dizer do pequeno outro, sobre o presente que ele quer ganhar, precisa de padrões de referência para “escolher”. A falta da certeza do pequeno outro que o sustenta, o deixa sem saída, quando é convidado a falar em nome próprio, é remetido ao vazio dele próprio nas significações que o sustentam.

Quando fala, o sujeito tem à sua disposição o conjunto do material da língua, e é a partir daí que se forma o discurso concreto. Há em primeiro lugar um conjunto sincrônico, que é a língua enquanto sistema de grupos de oposição estruturados, há em seguida o que se passa diacronicamente, no tempo, e que é o discurso. (...) não é de todo exato que seja uma simples linha, é mais provavelmente um conjunto de várias linhas, uma ninhada. É nesse diacronismo que se instala o discurso (LACAN, 2008/1955-56, p.68,69)

Ninho, ninhada, várias linhas, linhas com espaçamentos no infinito da linguagem que encarna e é encarnada. A palavra é erótica. Faz furos, dá a forma. O verbo se faz carne pelo grande Outro, universo dos significantes. Como postula Lacan no texto: A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano, nos Escritos, Este grande “(...) Outro, como sítio prévio do puro sujeito do significante, ocupa a posição mestra, de dominação,

antes mesmo de ter acesso à existência, (...) como absoluto Senhor Mestre.” (1998/1966, p.821)

Na lalange da mãe, daquele que faz a função materna, que marca pela voz, olhar, toque, beijos, abraços, alimentos, cheiro, choro, disparar do coração, agitação, incertezas... intervenções que vão bordeando o “pequeno pedaço de carne”, um pré-sujeito, sujeito a princípio da necessidade, numa relação mãe-filho, objeto de desejo da mãe, tempo de ser o falo. Uma mãe atravessada pela metáfora paterna.

Momento de completude do eu ideal, para depois tornar-se um ser desejante, no embalar de uma melodia que é tocada e toca, com intervalos, ritmos e se faz música. Para ser música precisa de um compositor... a mãe, que o adota, que nomeia... Assim, a eficácia estruturante desta lalange, necessita da repetição sustentada pelo desejo de quem faz função de Outro primordial. Cito Lacan:

Isso é tão fundamental que, se tentarmos situar num esquema o que faz manter-se de pé a concepção freudiana do complexo de Édipo, não é de um triângulo pai-mãe-criança de que se trata, é de um triângulo (pai)-falo-mãe-criança. Onde estará o pai ali dentro? Ele está no anel que faz manter-se tudo junto. (2008/1955-56, p.368)

Para exercer a função materna, precisa dar lugar ao terceiro, ser castrada, passar pelo Édipo, dar lugar ao pai, ao significante “nome do pai”. Somente a partir daí, saindo da lei super-egóica do imaginário, para a lei simbólica, surgirá o sujeito do desejo. Só assim o infans passa do estatuto de ser o falo para ter o falo.

Somente a metáfora paterna possibilita a interdição do gozo da mãe, anulando a ação fora da lei do desejo materno que rechaça a interdição do pai. Se não tem limite no gozo da mãe, o sujeito fica na alienação, no campo do imaginário, e do real: na foraclusão do nome do pai. Fica no lugar de objeto de gozo da mãe. O psicótico não goza, é gozado. É um sujeito errante, que busca então a lei no delírio. Sem a metáfora paterna fica na metonímia, com uma rede de significantes frágil para sustentá-lo.

Tião, que virou “artista”... durante uma semana viu e ouviu o sofrimento da vovó que chorava e gritava de dor... pedia ajuda

constantemente... deixando a todos que estavam próximos sem possibilidades de fazerem as próprias coisas. Porém, alguns dias depois, a avó vem a falecer. Tião participou de todo este processo, inclusive do velório e do momento do enterro.

Após algumas semanas, diante da tagarelice e reclamações da mãe, onde insistia em não deixá-lo mexer em tomadas e fios elétricos que manjava com destreza, montando extensões elétricas, olhou para a mãe e falou: “O Tião vai pegar a mamãe, colocar dentro da caixinha, fechar a caixinha, fazer um buraco na areia, colocar a caixinha no buraco e tampar com areia...”

Esta fala, denuncia que Tião não foi inscrito no simbólico, onde retorna no real, produzindo assim uma fala, onde o significante não remete a outro significante e sim a um significado, em um fazer metonímico. “Tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real”(LACAN, 2008/1955-56, p.22).

E ainda sobre a *Verwerfung*, a forclusão, “Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo significante, o mecanismo fundamental na paranóia” (LACAN, 2008/1955-56 p.178)

Um sujeito sem litoral, sem fronteira, não disfarça a pegada... não tem a rede de significantes, precisa criá-la. Como diz um menino de doze anos, com estrutura psicótica... enquanto monta o lego e diante da falta de uma peça que está no manual de instrução... precisamos improvisar...” Diminuindo a errância, a metáfora delirante vem como suplência, uma blusa... segunda pele... para proteger este corpo que está sempre em carne viva/ que não é recoberto pelo “nome do pai” rede de significantes.

(...) - as significações elementares que chamamos desejo, ou sentimento, ou a afetividade, essas flutuações, essas sombras, e mesmo essas ressonâncias, têm uma certa dinâmica que não se explica senão no plano do significante na medida em que é estruturante. O significante não faz apenas dar o invólucro, o recipiente da significação, ele a polariza, a estrutura, a instala na existência. (LACAN, 2008/1955-56, p. 303)

Nascemos enquanto sujeitos, a partir de um ato falho, pois o ato é falho... consigo produzir assim um texto incompleto, cheio de furos, de

dúvidas, de recortes... furos que não fecham nunca, pois a Psicanálise é a própria representação do sujeito... sujeito da incompletude, da castração.

## Referências Bibliográficas

LACAN J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*, (p. 29-90). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1953-54). *O Seminário, livro 3: as psicoses, 1955-56/ 2 ed. revista* - Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN J. (1966). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, (p.807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN J. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*, (p. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*, (p. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar, 2003. LACAN J. (1969). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1958-1959). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.